

Realidade escamoteada

NA década de 30, apenas 60% das crianças brasileiras tinham acesso à escola primária. Hoje, 95% das crianças brasileiras se matriculam na primeira série do Primeiro Grau; e o saldo dos 5% fora de qualquer escola se concentra quase todo (80%) nos bolsões de miséria do Nordeste.

MAS, se compararmos a atualidade com a situação vigente faz 50 anos, veremos que não houve progresso significativo no tocante à taxa de repetência: estamos ainda com 50% de repetência na primeira série do Primeiro Grau, o que é um avanço ridículo sobre o que a década de 30 registrou — 60%.

SOBRE esses dados, que são do próprio Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC), cotejados com os das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o professor Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica, aplicou a análise que O GLOBO publicou domingo último. E ela levanta a questão que vem sendo insistentemente escamoteada: na raiz da tragédia que é o ensino básico no Brasil, está a qualidade das vagas oferecidas, e não a quantidade, que se verifica ser razoavelmente satisfatória.

QUESTÃO que, por igualmente oportuna, merece esta outra versão: para que Cieps e Ciacs?

AO dar como investimento em educação as somas colossais empregadas na construção

de Cieps e Ciacs, ludibria-se a realidade cruel da repetência. Oferece-se um engodo — a vaga que significa a ocupação da criança por algumas horas diárias, para alívio imediato dos pais e responsáveis que têm de ir ganhar o seu pão. Mas a preço do futuro desde já sacrificado.

COM efeito, que perspectivas de trabalho compensador e mesmo de vida digna terá a criança descoroçada com a repetência em sua primeira experiência de escolaridade? De imediato, as saídas da repetência na primeira série do Primeiro Grau são apenas duas: ou a evasão escolar precoce, mais frequente no Nordeste por razões com que será fácil atinar; ou a permanência no sistema, sem uma estratégia de recuperação.

INAUGURAR uma escola sempre se faz com discursos, foguetes e banda de música. Já ensinar efetivamente, e fazer desabrochar o homem do futuro que cada criança encerra, não dá tanto na vista.

ESPALHAR Ciacs pelo Brasil afora, para um sistema que já absorve 95% das crianças, é, pois, mais que desperdício de dinheiro escasso. É insistência no que o professor Sérgio Costa Ribeiro chama, eufemisticamente, de erro histórico da política de educação fundamental no Brasil.

POR conta desse erro, para cada aluno que conseguir completar as oito séries do Primeiro Grau haverá quase quatro repetências, em média; porque só 2% dos atualmente ma-

triculados na primeira série do Primeiro Grau chegam ao fim da oitava série sem repetência alguma. Projetados para uma geração, esses números significam 44% do total a terminarem o Primeiro Grau. E, então, onde vai parar nosso projeto de futuro?

APRISIONADOS nessa política de erros, os professores só podem se tornar cúmplices, fugindo ao compromisso pedagógico: ou lavarão as mãos sobre o fracasso, repisando insaciavelmente o baixo nível sócio-econômico das famílias; ou o despistarão, aconselhando os alunos a não se submeterem às provas decisivas, incutindo-lhes assim a fatalidade da repetência. As famílias aceitam o veredito, por ser quase nulo o poder de pressão da sociedade mais humilde sobre a eficiência das escolas, mormente da escola pública.

EM países que alcançaram e ultrapassaram a universalização do ensino fundamental, índices de reprovação muito abaixo dos verificados no Brasil resultam em comissões de investigação, e não poupam o professor de uma eventual desqualificação.

AQUI, deixamos que os dados se acumulem por 50 anos, sem nos dar ao trabalho do diagnóstico — a avaliação do ensino de Primeiro Grau, em escala nacional. Preferimos varrer a realidade para debaixo do tapete, multiplicando escolas e aumentando a jornada escolar. Numa política fútil, se pelo menos fosse leal; porque não se aumenta a oferta real, quando se foge à avaliação do oferecido.